

O ESPECTRO

SEMENARIO POLITICO

Biblioteca Municipal de Lisboa
 Direcção Municipal da Cultura
 Departamento de Acção Cultural
 Divisão da Rede de Bibliotecas
 Câmara Municipal de Lisboa

Os calumniadores de hontem e a canalha de hoje.

NOTAS AO PRINCIPE REGENTE

Ao atirar-mos para o publico com o primeiro numero do *Espectro*, dissemos logo,—que combateriamos sem treguas o governo venal, corrupto e delapidador, que á sombra de uma falsa confiança da corôa, explora o paiz em beneficio unico dos seus interesses pessoais, e das conveniencias e arranjos dos seus amigalhões.

Não nos temos afastado uma pollegada sequer da linha recta do dever, e o applauso unanime tem coroado a obra gloriosa de lucta que encetámos.

Mostrámos ao rei, e mostrámos ao povo, o valor moral da **cambada governativa.**

Ao povo temos descripto com a plena confiança na justiça e sciencia certa das nossas afirmações,—**os crimes, as falcatruas, os roubos e canalhices do governo;**

Ao rei temos pintado com as côres mais vivas e mais verdadeiras dos factos sabidos,—**o infamissimo proceder particular e politico dos seus ministros.**

Sua Magestade El-rei D. Luiz ausentou-se do paiz: foi viajar. Hoje á testa da regencia do reino está o principe real.

E' a Sua Alteza que nos dirijimos, com o desasombro e independencia de que temos dado provas n'este tablado.

E' preciso que demonstremos a Sua Alteza, da maneira mais terminante e mais positiva, que está actualmente governando o paiz ao lado dos **mais vis e mais pulhas calumniadores de seu augusto pae.**

Um dos ministros que actualmente pisa a regia habitação de Sua Alteza, que lhe beija desvergonhadamente a mão, que o bajula naturalmente, e lhe diz coisas amaveis, escendendo o fel da sua **alma pustulada,** e a ignominia do seu **caracter putrido,** escreveu o seguinte de El-rei D. Luiz,—de seu augusto pae, veja Vossa Alteza!

— «Está claro! Nós que não fallámos nunca a Fernandez de los Rios, que não lhe comemos os jantares, nem lhe bebemos os chás, nós é que escrevemos a Napoleão III pedindo-lhe ou offerecendo-lhe alianças para sermos rei ou imperador de um imperio luso-hispanico; nós é que escrevemos ao imperador d'Allemanha no mesmo sentido; nós é que nos entendemos com Castellar e nos prestámos a receber ovações feitas pelos democratas hespanhoes; foram nossas as cartas imprudentes encontradas nas Tulherias, e que bom dinheiro custaram ao thesouro portuguez. Não foi o senhor D. Luiz I, fomos nós. Fiquem-n'o sabendo o paiz e a Europa».

Admira-se Vossa Alteza!

Pois não se admire, e peça ao seu **malandrissimo** ministro da fazenda, que forneça o *Diario Popular* de 29 de maio de 1878, onde o então apenas **enraivado e sequioso** jornalista Marianno Cyrillo de Machado, escreveu isto!!!

E' este homem, cuja alma, verminada e em gangrena, depoz no regio manto do augusto pae de Vossa Alteza, o pus que acima se traslada, que hoje governa os destinos do paiz, come os jantares de Vossa Alteza, vae aos seus bailes, fuma os seus charutos, e lhe dá risadinhas pulhas de gracejos velhaeos!

Veja Vossa Alteza!

Ora é de notar que, o que este scriba da imprensa escrevia, era applaudido em conclaves de malandros, então e ainda hoje chamados, **centros progressistas,** e transcripto no jornal do *collega* e safardana môr Navarro.

Portante, vae Vossa Alteza vendo, que todos elles são responsaveis pela calumnia atrocissima, e, como consequencia, reconhece facilmente que está regendo o paiz ao lado de uma **horda infame de calumniadores sem vergonha.**

Quer Vossa Alteza um bom conselho?

Mande por um gallego **correl-os a pontapés!**

Ou ainda acha cedo?...

Julgamento do alferes Marinho da Cruz

Triumphou a justiça, como não podia deixar de ser, n'este julgamento celebre, que tanta e tão viva discussão levantou na imprensa e até no proprio parlamento!

Nós não o discutimos; não o discutiremos já mais: — applaudimos o seu resultado, que achamos absolutamente d'accordo com o principio da boa justiça e da boa moral.

Realmente, a admittir se que a palavra redemptora e facetada do eminente advogado conselheiro Thomaz Ribeiro, salve um grande criminoso das mãos conscienciosas e justiceiras dos juizes, poderíamos considerar as prisões, como uma inutilidade, e o creador da Penitenciaria um cretino!

Não discutimos o julgado, — já o dissemos, — mas a nossa missão de jornalista, não nos inibe de classificarmos o resultado do julgamento como um triumpho para a causa da moralidade publica e da justiça social.

A *passar em julgado*, o principio de que um assassino, quanto mais pensava, mais deshumana e mais cruelmente commetteu o crime. — Tanto mais *lurvado*, ou mais *epileptico*, e por consequencia mais *irresponsavel* está, chegari-amos ao mais deploravel absurdo de não haver criminosos, mas unicamente *doidos!*

Absolutamente de accordo, que um assassino é sempre um *doido*, — mas um *doido mau!* E' d'esses *doidos maus*, que a sociedade precisa expungir-se, mandando-os para o carcere, ou para o degredo; os outros *doidos* lá têm já a enfermaria do hospital.

O assassino, ou commette o seu crime preveramente, friamente, ou o pratica debaixo de uma allucinação: — no primeiro caso é um malvado impenitente e perigosissimo; — no segundo caso é um homem perdido, cujo temperamento d'uma excessiva irritabilidade nervosa não lhe permite soffrer os impetos do seu genio irascivel, e portanto como homem não tem forças para domar os seus instinctos, é egualmente perigoso na comunidade social.

Em ambas as hypotheses o criminoso lá está. E' o mesmo. Póde ter uma circumstancia aggravante ou uma circumstancia attenuante: — nunca uma absolvição.

Doidos? Lurvados? Epilepticos?

Mas então *doidos* foram:

— *João Brandão!*

— *Diego Alves!*

— *Mattos Lobo!*

— *Antonio Coelho!*

— *Todos os grandes assassinos, emfim!*

E tanto a justiça condemnou-os; uns morreram na forca ignominiosa e outros no degredo.

E porque os condemnou a justiça dos homens?

Ha razões para se adduzir *á priori* e *á posteriori* o argumento: — porque essa nossa justiça dos homens, não tinha um homem, advogado habilissimo, que os fizesse passar por *doidos*. Porque a verdade é que, segundo o que vimos de dizer, todos elles eram realmente *doidos*, — mas *doidos maus!*

Deus nos defenda que triumphe a theoria dos medicos alienistas!

Amanhã não havia *assassinos*: havia *epilepticos!* Não se carecia do Código Penal, nem da Penitenciaria: — careciam-se advogados como o conselheiro Thomaz Ribeiro, e medicos como o dr. Sena. Fechavam-se as portas do carcere, e abriam-se bancas de advogados habeis!

Um assassino em seguida ao crime, não tinha que pensar na prisão celular: sómente carecia de assignar uma procuração a um conselheiro Thomaz Ribeiro, em que mais confiança tivesse!

Um absurdo desgraçadissimo!

A *irresponsabilidade!* — que adoravel paradoxo. Segundo theorias vulgares, um *doido* é equiparado a uma *creança*: — conforme as theorias modernissimas, é claro, — ambos *irresponsaveis!*

Pois querem saber um factio recentissimo; acontecido em Paris, a ultima semana?

Pasme-se!

Uma creança de 8 annos assassina barbaramente um irmão de 6 annos, com uma facada no ventre, e em seguida suicida-se, cortando as guel-las?

Uma creança?

Um *doido*?

Um *irresponsavel*?

Mas decerto que este criminoso era uma *criança* e era um *doido*. A *irresponsabilidade* é que nós lhe negamos, porque ainda que pequena a idade do criminoso, a consciencia do crime praticado existia, e tanto que em seguida se suicidou! Seria um *lurvado*? Não senhores, era uma malvado! simplesmente!

O que ha a investigar n'um assassino, não é propriamente o seu estado mental, anteriormente ou posteriormente ao crime: — é a sua educação, o modo de vida, forma de existencia, meio organico em que vivia, e d'ahi concluir por uma deducção logica de factos, que o criminoso, tinha pouco a pouco, perdido toda a noção moral de humanidade, todo o sentimento de honra, de remorso, de bem estar social!

E' vulgar ouvir-se a um criminoso: — *na Africa tambem se come pão!*

A educação viciosa, a degeneração dos costumes, leva o individuo que profere estas palavras não se importar saber das consequencias do seu crime. De certo que este homem tem as faculdades do seu cerebro *embotadas*. Mas d'ahi não se póde

concluir que seja um doido, e portanto *irresponsavel* pelo crime praticado.

Com o alferes Marinho da Cruz, deu-se pouco mais ou menos, o que acabamos de referir. Esse infeliz rapaz nasceu com um temperamento irascível. Não o soube domar, ou não lh'o souberam domar pela educação que lhe ministravam. Filho de boa familia, não carecia de trabalhar para viver. Entregou-se mais ou menos a uma vida alegre de boemia barata e reles. Embebedava-se habitualmente, esgotando copinhos de cognac, uns sobre outros. Genio máu creou odios. Entregue a uma certa vadiagem vulgar, arranjou vicios deprimentes, e maus costumes. Costumado a uma certa liberdade de viver social, creou um certo desrespeito pela outra parte. Mais ou menos forte fez se bulhento. Longe da familia, vivendo a vida dissolvente de quartos alugados, e com os costumes livres, o seu espirito quasi havia perdido a noção do dever, da justiça e da moral.

D'ahi o crime, como consequencia, e com todas as circumstancias, que o revestiram,—sangue frio ligam pequena importancia ao facto, um certo *laisser aller* da sua sorte!

E' isto, evidente. Nada mais!

Este homem, estabelecidos os precedentes da sua existencia, se não tivesse commettido um assassinio, mais dia menos dia, tambem por uma fertilidade ou mesmo sem rasão alguma,—suicidava-se. Era fatal!

Em philosophia entendemos que o homem nasce naturalmente *mau*, e modifica-se para *melhor*, ou para *peor*, segundo a educação que recebe, meio em que vive, e habitos que contrahe. Na vida humana, até nos mais peguenos actos, a brutalidade animal evidencia-se, mais ou menos fortemente. Aquelle que por educação, sabiamente ministrada e meio organico de existencia, consegue soffrear os impetus da sua animalidade é um *bom cidadão*;—o que o não consegue, pela ordem inversa de razões apontadas, é um *criminoso* da peor especie!

Ora isto representa um modo de ver individual, sem importancia medica ou juridica. Bem sabemos. Mas é que acima de muito respeito, que nos merecem os medicos alienistas e o vigoroso talento do defensor de Marinho da Cruz, agora que o *verdictum* foi dado entendemos não nos devermos eximir ao direito de dizer a nossa opinião, embora sem valor, visto que de fórma alguma influe no julgamento.

Não fazemos a critica do julgado.

E' clarissimo!

O que é certo é que com o resultado obtido, satisfiz-se a lei militar, a consciencia publica e a justiça social.

E' por isto que aqui consignam nosso applauso, e escrevemos as palavras que se leram embora do coração confessamos que sentimos de veras a situação desgraçadissima do infeliz que deu causa a este artigo.

As inscripções

Sobem porque um syndicato poderoso tem feito subir no mercado o preço das inscripções, fazendo um grande jogo com a alta?

Porque o sr. Marianno de Carvalho tenciona diminuir a taxa do juro que o governo paga!

Toca a acautellar...

Mas alguém vem a ser roubado em maquiagrossa...

Os primeiros a serem roubados são os hospitaes, estabelecimentos pios, misericordias, etc., aos quaes o governo, por lei, **obriga** a terem os seus fundos em inscripções.

Mas... oh! o grande financeiro!...

Malandrice em projecto!

Não ha melhor governo que este, para saber agradecer os favores recebidos dos seus correligionarios politicos...

Todos sabem que o presidente do conselho, é o proprietario do *Correio da Noite*, como o sr. Emygdio Navarro o é das *Novidades*, e o sr. Marianno de Carvalho do *Diario Popular*.

Ora, quem até ha pouco tinha a direcção politica do jornal do sr. José Luciano de Castro, era o sr. Eduardo Guimarães, individuo mais ou menos habil na *reportage* diaria da sua folha, mas absolutamente imbecil e inhabil para qualquer outra coisa. Sobre isto um immoralão de primeira força. Haja vista o caso de franquear os bilhetes que a sua redacção recebia das emprezas theatraes a uma *cocotte* conhecida, que se ia habitualmente alapardar nos *fauteills*, ao lado dos membros da imprensa!!!

De resto, o facto não é de estranhar, porque se sabe quanta *porcaria* o *Correio da Noite*, tem anichado no seu seio, desde *Costa Girafa*, explorador de pobres raparigas infelizes, até *Antonio Motta*, que dá *soirées* em casa da celebre *Julia do Parto Simulado*, hespanhola desvergonhada, que tem chronica no crime, e impunidade certa no governo civil, para as poucas vergonhas que pratica.

E, entre parenthesis, diga-se que a essas *soirées* patuscas, de guitarradas, e de ceias com borgas de vinho e de loxuria reles, vão individuos conhecidos,—um commissario e outra gente da policia, um certo administrador de bairro, e gente do *Correio da Noite!*

Um deboche!

Pois sabem como o sr. presidente do conselho quer agradecer ao *honesto e decoroso reporter* Eduardo Guimarães, os favores politicos, que lhe tem prestado?

Encarregando-o com largo estipendio dos cofres publicos, d'uma reforma policial, e abonando-

lhe grosso dinheiro, para elle ir viajar pela Europa, a estudar (?) o plano de organização policial!!!

Pois já se deixa ver!

Então para que serve a gente ser soldado de um Na oleão de cebo? Se não se ha de apanhar nada com as nossas manhas, mais vale deixar de ser jornalista e ir para as *cocottes*, para a bella vida *japoneza* de *Monsieur Alfonso*.

Ainda nós havemos de ver o outro o Saldanha da Motta, commissario de policia, com gabinete reservado para o deboxe andaluz de *camareiras pelintras*...

Ou não?

Cuidado...

O sr. Marianno de Carvalho, actual ministro da fazenda, hoje a servir cynicamente com o principe real D. Carlos, como já cynicamente servira, com sua magestade el-rei D. Luiz,—*é bom não esquecer!*...— é um dos corações mais bem formados da nossa epoca...

Ora contra os impetos d'essa **boa alma**, é que nós queremos pôr de sobreaviso a sua alteza o principe real!

Ponha-se sua alteza em guarda:—olhe que elle *préga-lh'a* na menina do olho...

Lembre-se que elle já com lagrimas de corcodillo, *villissimas* e torpes, calumniando seu augusto pae, lamentou—*as louras e innocentes creanças que tendo nascido sob tectos doirados, só Deus sabe onde, á força de imprudencias, iram terminar os seus dias*...—

Cuidado, pois...

Acautelle-se sua alteza, que elle faz-lhe *maroteira!*

Lembre-se do dia de amanhã, em que a **boa alma** do seu sabujo ministro, ha de ir infamal-o canalhamente, contar o que sabe e o que não sabe, o que *vossa* alteza faz e o que não faz

Elle agora está hibernando! A'manhã será terrivel e infame...

Como no jardim Zoologico: — **cuidado com esse animal!**

A COMEDIA PORTUGUEZA

Julião Machado vai publicar por estes dias um nove jornal de caricaturas, com o titulo supra e collaboração de Mesquita e outros espiritos superiores.

Auguramos ao novo jornal um radioso futuro, que sobejamente é garantido pelo nome do artista, *tudo moderno*—o primere na creação de tra-

ço, na fina *verve* toda parisiense e na delicadeza e originalidade do desenho.

No resvalo do desvergonhamento politico em que o paiz chafurda, é bom confessar que Julião Machado não vem fazer politica:—deixa isso aos que precisam d'ella para seus fins...

Traz o seu lapis adoravel para o piparote da troça, ou para a *piédnez-nez* farcista.

A *Comedia* ha de fazer furor.

Nós que combatemos rijamente a *farça*, desde já abraçamos Julião,—o excellente rapaz,—que vai caricaturar a *Comedia Portugueza*.

AINDA E SEMPRE O GOVERNO

Vamos concluir com as composições seguintes:

JoSé Luciano
Francisco Antonio Beirão
Marianno CyriLlo de Carvalho
Visconde S. JAnuario
Francisco Beirão
HenRique Barros Gomes
Emygdio NAvarro
MaRianno de Carvalho
AntonIo de Veiga Beirão
LucianO de Castro
Visconde S. Januario

* * *

Francisco Beirão
MariannO de Carvalho
Henrique BaRros Gomes
Luciano de CAstro
Mariano de Carvalho
ViscOnde de S. Januario
EMygdio Navarro
LucianO de Castro
Visconde de S. Januario
BarroS Gomes
Luciano de Castro
HenriquE Barros Gomes
Marianno CiryLlo de Carvalho
ViscondE de S. Januaria
Julio NavaRro
Francisco Antonio Beirão
EmygDio Navarro
Barros GOMes
Luciane de CAstro